

# AS PLANTAS MEDICINAIS DA CULTURA POPULAR SERGIPANA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ÁREAS RURAIS

*Prof. Paulo Heimar Souto<sup>4</sup>*  
*Profa. Márcia Eliane Silva Carvalho<sup>1</sup>*  
*Prof. José Genivaldo Martires<sup>2</sup>*  
*Profa. Marly Magalhães Franco<sup>3</sup>*

**Resumo:** No Brasil, a maioria dos jovens e adultos analfabetos ou analfabetos funcionais já passou por instituições ou programas escolares sem obter êxito. Os principais entraves encontram-se na não identificação dos procedimentos pedagógicos adotados e o cotidiano/perspectivas dessa clientela. Tendo em vista essa problemática, este trabalho foi desenvolvido em salas de aulas para jovens e adultos de três municípios sergipanos – Itaporanga D’Ajuda, Riachuelo e Pinhão – integrantes do Programa de Alfabetização Solidária, cujos objetivos foram: promover a reconstrução da auto-estima e da valorização da cultura dos alfabetizando a partir da identificação das plantas medicinais da cultura popular de cada município envolvido; desenvolver, a partir desse levantamento, atividades relacionadas com Ciências, História, Português e Matemática.

**Palavras-chave:** alfabetização. zona rural. plantas medicinais.

## Introdução

A efetiva participação da escola na construção do exercício da cidadania vincula-se ao seu grau de comprometimento com a educação, pois “... ensinar não significa simplesmente, ir para a sala de aula e transmitir conhecimento, mas é também um meio de organizar as atividades para que o aluno aprenda e produza conhecimentos” (VEIGA, 1993, p. 82). Além disso, existe uma “relação recíproca entre o ensino e a pesquisa”, em que esta será útil para “captar o não conhecimento da realidade e o que precisa ser conhecido” (op. cit., p. 85).

Para que a escola possa de fato se tornar um espaço para a conquista da autonomia, é fundamental que no processo de ensino e aprendizagem o aluno seja um sujeito ativo, o que pressupõe haver em sala de aula espaço para o diálogo, discussões, confrontos de pontos de vista, de forma a estimular o raciocínio dos alunos.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Especialista em Gestão de Recursos Hídricos e Meio Ambiente/UFS, Mestranda em Geografia/UFS, Ex-coordenadora Setorial do Programa de Alfabetização Solidária (PAS/UFS) e professora do ensino fundamental da rede municipal de ensino de Aracaju.

<sup>2</sup> Licenciado em História/UFS, Coordenador Pedagógico do PAS/UFS e professor do Colégio de Aplicação/UFS.

<sup>3</sup> Licenciada em Ciências Biológicas (UFS), Ex-coordenadora Setorial do Programa de Alfabetização Solidária (PAS/UFS) e professora aposentada do Departamento de Biologia/UFS.

<sup>4</sup> Licenciado em História/UFS, Mestre em Geografia/UFS, doutorando em Educação pela UFRN e professor do Departamento de Educação/UFS.

Com relação à aprendizagem, Vygotsky (1993) afirma que um conceito não é uma formação isolada e imutável. A memorização de palavras e a sua associação não levam por si só à formação de conceitos.

Dessa forma, qualquer processo de ensino-aprendizagem deverá favorecer relações discursivas e interdisciplinares, envolvendo a interação com a realidade local e com o cotidiano dos alunos, pois a Ciência não deve continuar a ser ensinada como neutra e distante do dia-a-dia do aluno (PRETTO, 1995).

Conforme preconizam os PCNs (1998), o fim da dicotomia entre conteúdos e realidade social, envolve a articulação interdisciplinar de saberes contextualizados. Assim,

(...) o desenvolvimento de atitudes e valores é tão essencial quanto o aprendizado de conceitos e procedimentos. Nesse sentido, é responsabilidade da escola e do professor promoverem o questionamento, o debate, a investigação, visando o entendimento da ciência como construção histórica e como saber prático, superando as limitações do ensino passivo, fundado na memorização de definições e de classificações sem qualquer sentido para o aluno (PCNs, 1998, p. 62).

Infelizmente, em nosso contexto, devido a vários fatores, dentre eles a própria deficiência na estruturação das instituições escolares, tem proporcionado diversos entraves na educação, como nos lembra André ao afirmar que “a prática escolar parece ser mais marcada pelos desencontros entre o que o aluno deseja e o que a escola oferece, do que pela consonância entre ambos” (ANDRÉ, 1992, p. 13).

De forma geral, a escola ainda insiste em executar práticas pedagógicas que não possibilitam uma real aproximação do conhecimento com o cotidiano dos discentes. Sobre essa temática, Caniato (1987) afirma que:

É notória a curiosidade natural de quase todas as crianças pela Natureza. É muito raro que não gostem de saber ou não se interessem por descobrir como funcionam as coisas e os bichos: a Natureza. Isto é gostar de Ciência. Se por um lado é evidente que crianças gostam de saber os como e os porquê, por outro lado não é menos evidente que à medida que avançam na escolaridade o entusiasmo e o gosto por saber, especialmente relacionado com as coisas da Ciência, vai declinando. O gosto pela Ciência vai diminuindo, diminuindo e freqüentemente se extingue. Muitas vezes aquilo que era um gosto inerente ao jovem, acaba por se transformar em aversão (p. 46).

Essa aversão, não só pela Ciência, como também pela instituição escolar, traz como conseqüência a evasão escolar, provocando muitas vezes a exclusão social em virtude do analfabetismo ou do analfabetismo funcional.

Com relação à alfabetização de adultos, Freire (1982) ressalta que as cartilhas alfabetizadoras não têm nenhuma relação com a experiência existencial dos alfabetizados e, quando o têm, encontra-se expressa de forma paternalista.

Assim, os adultos analfabetos são tratados como “se fossem totalmente diferente dos demais. Não se lhes reconhece a experiência existencial bem como o acúmulo de conhecimentos que essa experiência lhes deu e continua dando” (op. cit., p. 14).

Ainda de acordo com esse autor:

É necessário, na verdade, reconhecer que o analfabetismo não é em si um freio original. Resulta de um freio anterior e passa a tornar-se freio. Ninguém é analfabeto por eleição, mas como consequência das condições objetivas em que se encontra. Em certas circunstâncias, o analfabeto é o homem que não necessita ler, em outras, é aquele ou aquela a quem foi negado o direito de ler (FREIRE, 1982. p. 19).

No Brasil, a maioria dos jovens e adultos analfabetos ou analfabetos funcionais já passou por instituições ou programas escolares sem obter êxito. Os principais entraves encontram-se na não identificação dos procedimentos pedagógicos adotados e o cotidiano/perspectivas dessa clientela.

Assim, promover a educação de jovens e adultos requer uma série de interações entre teorias e práticas, buscando sempre tornar a sala de aula um espaço de atividades diversificadas e motivadoras para tornar a aprendizagem significativa.

Para tal, a formação do alfabetizador, que irá trabalhar com essa clientela, deverá proporcionar situações de reflexão sobre a importância da história de vida de cada aluno envolvido no processo de alfabetização, para que possam utilizar nas salas de aula os conhecimentos da vivência de cada alfabetizando, bem como permitir o reconhecimento de que os conteúdos podem ser trabalhados de diferentes formas, utilizando diferentes atividades e/ou temas geradores.

A figura do coordenador pedagógico emerge nessa relação como estruturador e mediador da efetivação do relacionamento interpessoal entre ele, o alfabetizador e alfabetizando, buscando desenvolver habilidades que sustentarão o processo de ensino-aprendizagem, que é o ato de olhar, ouvir, falar e prezar. Como o exercício da cidadania está diretamente vinculado ao relacionamento entre pessoas, a efetivação da aprendizagem passa por essa questão (ALMEIDA, 2001).

Nesse sentido, nos programas para alfabetização de jovens e adultos devem ser proporcionadas situações de ensino-aprendizagem que envolvam aspectos do cotidiano dos alfabetizados, bem como atividades criativas, interativas e críticas que visem à alfabetização dos mesmos para que utilizem com autonomia a linguagem, a escrita, as operações matemáticas, os conhecimentos históricos e sobre as ciências naturais e a sua relação com a sociedade.

### **Alfabetização de jovens e adultos e o Programa de Alfabetização Solidária**

Segundo Corazza e Mazzilli (2002), no Brasil, a criação de escolas para atender ao público adulto, remete ao período colonial, com a educação jesuítica sendo retomada no segundo império, a partir de 1870. No entanto,

(...) é na década de 30 do século XX que a educação básica para adultos começou a conquistar seu espaço na história da educação no Brasil, com a implantação, nesse período, de um sistema de

educação elementar que se consolida e coloca a educação de adultos na pauta das exigências sociais (p. 95).

No transcorrer do século XX várias campanhas foram lançadas pelo governo federal, a saber: a campanha nacional de 1947; a aprovação do Plano Nacional de Alfabetização, em 1964; no período militar, em 1967, foi criado o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e, a partir de 1985, com a extinção do MOBREAL, o governo criou a FUNDAÇÃO EDUCAR, “que apoiava financeiramente e tecnicamente as iniciativas governamentais, entidades civis e empresas a ela conveniada” (CORAZZA; MAZZILLI, 2002, p. 97).

Em 1990, a FUNDAÇÃO EDUCAR foi extinta, sendo criado o PROGRAMA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO E CIDADANIA – PNAC, que tinha por objetivo a superação do analfabetismo na camada social mais baixa. O PNAC foi extinto em 1992.

A questão do combate ao analfabetismo reaparece em 1986, “através do Ministério da Ação Social, com o Conselho Comunidade Solidária – Programa Alfabetização Solidária, coordenado pela primeira dama professora Ruth Cardoso” (CORAZZA; MAZZILLI, 2002, p. 99).

Em Sergipe, o Programa Alfabetização Solidário (PAS), inicialmente, vinculado ao Ministério da Ação Social, hoje é uma Organização Não Governamental, por meio de ações de apoio a políticas públicas, no que se refere à educação de jovens e adultos. Está estruturado no sistema de parcerias entre as empresas privadas, Ministério da Educação, Prefeituras Municipais e as Instituições de Ensino Superior. O PAS iniciou as suas atividades, em 1997, em trinta e oito municípios das regiões norte e nordeste que, de acordo com o censo de 1990, ultrapassavam o percentual de 55% de analfabetos na população da faixa etária dos quinze aos dezenove anos.

O Programa de Alfabetização Solidária foi implantado na Universidade Federal de Sergipe em 1997, com o projeto piloto no município de Poço Redondo, no sertão sergipano. Em 2000, dos setenta e cinco municípios sergipanos, o PAS/UFS atuava em vinte e oito deles. Em 2002, quarenta e dois municípios já faziam parte do raio de ação do Programa coordenado pela Universidade Federal de Sergipe.

A clientela assistida pelo Programa encontra-se na faixa etária acima dos quinze anos de idade, sendo que a maioria dos alunos possui acima de cinquenta anos, com experiência escolar anterior.

O objetivo do Programa de Alfabetização Solidária/UFS é alfabetizar os jovens e adultos por meio do fortalecimento da auto-estima dos mesmos, para que o ato de ler e escrever sejam instrumentos de melhoria da suas vidas.

O procedimento metodológico adotado pelo programa para operacionalização do mesmo nos municípios engloba as seguintes etapas: curso de capacitação para os alfabetizadores, que são escolhidos nos municípios via seleção, acompanhamento semanal do coordenador municipal (indicado pelas Secretarias Municipais de Educação) e setorial (representante da Universidade Federal de Sergipe) às salas de aula e reuniões pedagógicas mensais para avaliação do planejamento de ensino, adaptando-o às necessidades e interesses da clientela.

Durante o processo de capacitação, envolvendo profissionais de várias áreas do conhecimento, são planejadas ações que serão colocadas em práticas nas respectivas localidades. Uma das propostas estabelecidas foi a de trabalhar a cultura popular dos alfabetizandos, por meio dos conhecimentos e usos das plantas medicinais.

Como projeto inicial foram selecionados três municípios sergipanos de localizações diferenciadas: Itaporanga D'Ajuda e Riachuelo (pertencentes à região da zona da mata) e Pinhão (localizado no agreste).

Os objetivos propostos foram:

- ❑ promover a reconstrução da auto-estima e da valorização da cultura dos alfabetizandos a partir da identificação das plantas medicinais usadas por eles no dia-a-dia e presentes na cultura de cada município envolvido;
- ❑ desenvolver, a partir deste levantamento, atividades relacionadas com História, Ciências, Português e Matemática de forma a promover a alfabetização, buscando também estimular a permanência dos alfabetizandos no programa.

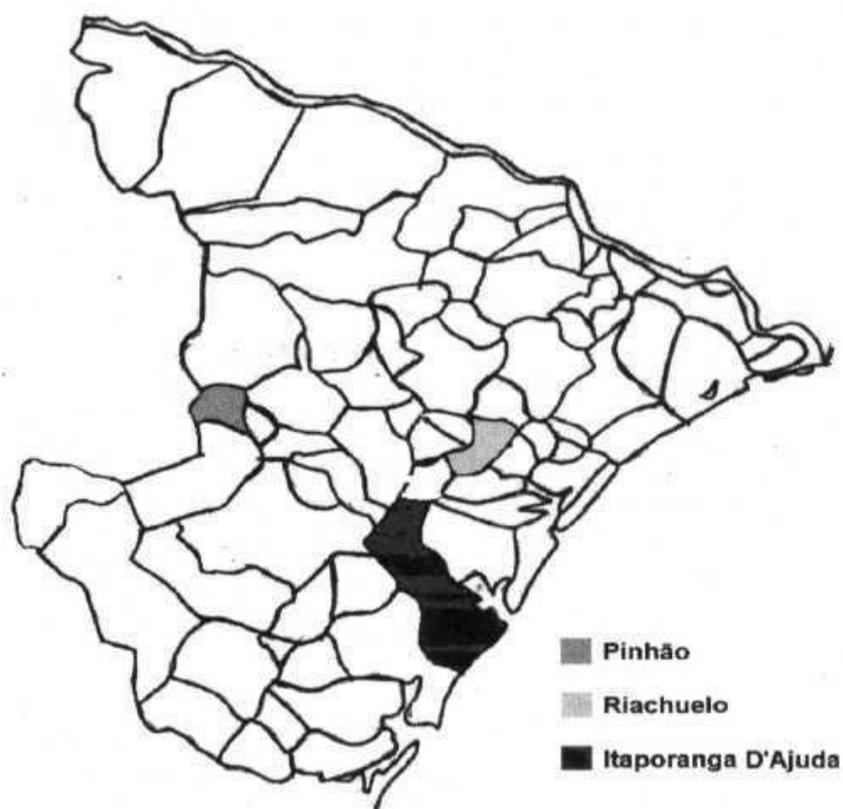
### **Procedimentos metodológicos**

A presente atividade foi desenvolvida processualmente, ao longo de três meses, durante o primeiro semestre de 2002, sendo dividida em alguns momentos, orientados passo a passo pelos alfabetizadores e descritos abaixo:

- no primeiro momento, foi priorizado o aspecto histórico do uso das plantas medicinais, no qual os alfabetizandos fizeram relatos sobre o uso destas durante gerações;
- em seguida, cada aluno listou o nome de plantas medicinais, qual parte da planta era usada como medicação, para que servia e o modo de fazer cada medicamento. Dessa forma, foram trabalhados o alfabeto, as sílabas e a construção de palavras; redação e interpretação de pequenos textos; aprofundamento de questões sobre Ciências referentes à importância das plantas para o ambiente, para o próprio homem, entre outros aspectos;
- a Matemática foi trabalhada a partir da posologia, definindo as quantidades que deveriam ser utilizadas em cada medicamento, aprofundando, dessa forma, noções sobre quantidades, medidas, dosagens, dentre outras;
- por fim, os alfabetizandos (por sala), organizaram um álbum sobre as atividades realizadas.

### **Resultados**

Este trabalho foi desenvolvido com um total de 554 alfabetizandos, na faixa etária de 15 a 50 anos, cujas localidades na qual residem estão explicitadas nas Tabelas 01, 02 e 03. A localização dos municípios envolvidos neste trabalho está expressa na Figura 1.



**Mapa de localização dos municípios sergipanos focos deste trabalho (2002)**

Fonte: Atlas de Sergipe, 1979

**Tabela 01**

Localidades dos alfabetizados por sala no município de Itaporanga D'Ajuda – SE (2002)

<b>Localidades</b>	<b>Quantidade de alunos</b>
Pariporé	17
Caueira	14
Telha	25
Campos	11
Taboca	11
Camaçari-Mirim	26
Tapera	21
Água Boa	25
<b>TOTAL</b>	<b>131</b>

**Tabela 02**  
Localidades dos alfabetizandos por sala no município de  
Riachuelo – SE (2002)

<b>Localidades</b>	<b>Quantidade de alunos</b>
Sede	22
Sede	16
Povoado Roque Mendes	08
Povoado Roque Mendes	11
Povoado Sítio do Meio	18
Povoado Sítio do Meio	26
Povoado Central	17
Povoado Central	13
Povoado Bela Vista	31
Povoado Bela Vista	33
<b>TOTAL</b>	<b>195</b>

**Tabela 03**  
Localidades dos alfabetizandos por sala no município de  
Pinhão – SE (2002)

<b>Localidades</b>	<b>Quantidade de alunos</b>
Sede	22
Sede	25
Sede	21
Diogo	25
Rajas	23
Beija-Flor de Cima	25
Lagoa	21
Espinheiro	22
Beija-Flor de Baixo	25
Lagoa Branca	19
<b>TOTAL</b>	<b>228</b>

Inicialmente foi priorizado o aspecto histórico do uso das plantas medicinais, no qual os alfabetizandos fizeram relatos sobre o uso destas durante gerações e como essa prática permanece viva até o presente.

No momento em que os alfabetizandos identificaram as plantas, os alfabetizadores iniciaram o trabalho com o alfabeto, as sílabas e a construção de palavras.

Tendo uma maior familiaridade com o alfabeto e com a construção de palavras, cada alfabetizando redigiu qual parte da planta era usada como medicação e para que servia. A partir dessa atividade, o alfabetizador trabalhou novamente Português e adentrou em questões relacionadas com Ciências, como a importância das plantas para o ambiente e para o próprio homem, aprofundando também o conhecimento sobre as doenças citadas pelos alunos ao relacionarem com as ervas utilizadas.

O quadro 1 traz uma síntese das várias aplicações das ervas medicinais destacadas pelos alfabetizandos.

### Quadro 1

Principais aplicações das plantas medicinais utilizadas pelos alfabetizandos (2002)

Enfermidade	Erva Medicinal
Gripe	Pitanga, Mastruz, Acerola, Alho, Limão, Manjeriço
Acne	Abacate
Tosse	Alecrim
Inflamação	Saião, Alecrim, Alfavaca, Limão
Pressão Alta	Alho
Artrite	Aroeira
Nervosismo	Arruda, Cravo, Maracujá
Má Digestão	Boldo, Capim-Santo, Cidreira
Dor de Cabeça	Capim-Santo
Infecção Urinária	Quebra-Pedra
Bronquite	Eucalipto
Diarréia	Goiabeira, Vassourinha
Verminoses	Hortelã
Inflamação de boca	Malva-Branca
Prisão de Ventre	Sabugo
Osteoporose	Saião

Ao redigirem o modo de fazer de cada remédio, foram elaborados pequenos textos, interpretação e compreensão dos mesmos, bem como com a Matemática, a partir da definição das quantidades que deveriam ser utilizadas para fazer cada medicamento.

O momento seguinte foi configurado a partir da redação da posologia dos medicamentos em questão. Nesse momento, os alfabetizadores trabalharam novamente com a Matemática – noções de medidas, dosagens etc.

Para finalizar essa atividade, os alfabetizandos (por sala), com a orientação do alfabetizador, organizaram um álbum sobre as plantas medicinais, anexando ao material já redigido (pelos próprios alfabetizandos, que há poucos meses atrás, mal sabiam escrever o próprio nome), figuras ou exemplares das plantas trabalhadas por eles.

Um dado importante é que o cultivo das plantas medicinais não tem fins comerciais. Quando se faz necessário, algumas ervas são adquiridas no Mercado Central de Aracaju, no qual existem barracas de vendas dessas ervas.

Analisando os álbuns construídos pelos alfabetizandos, constatamos que são utilizadas com mais frequência as folhas das plantas medicinais, principalmente na forma de chás. E, em menor quantidade, são as raízes, cascas, flores e frutos.

Em relação à utilização das mesmas, verifica-se que nos municípios de Itaporanga D'Ajuda e Riachuelo existe uma reincidência de espécies, por se tratar de municípios localizados na zona da mata. Já no município de Pinhão, por se tratar de uma área de transição do agreste para o semi-árido, nota-se a não predominância de determinadas espécies verificadas nos outros municípios.

No quadro 2 são listadas as plantas medicinais utilizadas pelos alfabetizandos nesta atividade.

**Quadro 2**  
Plantas medicinais mais utilizadas pelos alfabetizandos (2002)

Plantas Mediciniais	Municípios		
	Itaporanga D'Ajuda	Riachuelo	Pinhão
Abacate		X	
Acerola	X	X	
Alevante	X		
Alecrim			X
Alecrim de jacaré		X	
Alfavaca	X		
Alho	X	X	
Alumã	X		
Ampicilina	X		
Anador	X	X	X
Aroeira	X		X
Arrozinho	X		
Arruda		X	X
Babatimão	X		

Boldo	X	X	X
Brilhantina	X		
Candeia	X	X	
Cajueiro		X	
Canela	X		
Canudinho (sambacaitá)	X	X	
Capeba		X	
Capim Santo	X	X	X
Carambola	X		
Cidreira	X	X	X
Cravo			X
Dedo-de-cão		X	
Eucalipto	X	X	
Fedegoso	X		
Gameleiro		X	
Girassol	X		
Goiabeira	X		X
Graviola	X		
Hortelã	X	X	X
Hortelã Miúdo	X	X	X
Irassalho		X	
Ire		X	
Jatobá	X	X	
Jurubeba		X	
Laranjeira	X		
Limão	X		
Malícia		X	
Malina	X	X	X
Malva-Branca	X	X	X
Maracujá		X	
Mão-de-vaca		X	X
Mamão		X	
Manjeriçõ	X	X	X
Manjelão		X	
Mastruz	X		X
Mutamba		X	
Mercúrio		X	

Nicolau	X		
Novalgina	X	X	X
Oralina	X		
Pinha		X	
Pinhão Roxo	X	X	X
Pinhão			X
Pitanga	X		
Quarana		X	
Quebra-Pedra	X	X	
Romã	X		
Sabugo	X	X	
Saião	X	X	
Sambacaitá	X	X	X
Sete Dor	X	X	X
Tamarindo	X		
Tetrex		X	
Titrique	X	X	
Vassorinha	X	X	
Vick		X	
TOTAL	45	45	22

As plantas mais comuns aos três municípios foram: anador, boldo, capim-santo, cidreira, hortelã-miúda, malina, malva-branca, manjeriço, novalgina, quebra-pedra e sete-dor.

O uso das ervas medicinais ainda é freqüente pela comunidade em questão no tocante à prevenção e ao tratamento de doenças ao invés da utilização de medicamentos farmacêuticos. Tal fato ocorre em virtude da manutenção da tradição do uso das plantas medicinais, bem como pelo fator econômico.

Um aspecto que merece ser destacado é que, de acordo com os relatos dos próprios alfabetizandos, esta proposta de trabalho promoveu a integração da turma, facilitando o processo de ensino-aprendizagem, pois partiu de um tema conhecido pelos alfabetizandos e utilizado por eles no dia-a-dia, para em seguida trabalhar o Português, a Matemática, Ciências e História. Outro aspecto detectado pelos alfabetizadores foi a socialização dos conhecimentos de cada um dos alunos, pois esta atividade gerou a abordagem de vários outros temas.

### Considerações finais

Sabendo-se que a maioria da clientela em questão já passou por instituições ou programas escolares, sem obter êxito, e que ainda se encontrava em situação de semi-analfabetismo ou completo analfabetismo, esta proposta procurou priorizar a

reconstrução da auto-estima e a valorização dos conhecimentos que já detinham buscando criar um vínculo maior de interesse e participação entre os atores do Programa de Alfabetização Solidária (PAS/UFS) e os alfabetizados envolvidos.

A clientela envolvida nesta atividade se encontra em áreas de fraco desenvolvimento econômico, em que predominam atividades agro-pastoris de subsistência.

Uma das características das escolas inseridas nesse contexto é o da “típica escola urbana tradicional” (PETTY et al., 1985, p. 32). Embora exista uma forte desvinculação dessas instituições escolares com o contexto em que se insere, esta proposta de ensino possibilitou estabelecer ligações de complementaridade entre conteúdos, promovendo atividades criativas e críticas, contribuindo para a superação de saberes isolados e conteudísticos no âmbito escolar, bem como incorporando ao processo de ensino-aprendizagem elementos da cultura local e das peculiaridades regionais.

Assim, esta experiência da construção do processo de alfabetização de jovens e adultos em áreas rurais de Sergipe é justificada por também estarmos convencidos de que

(...) o momento histórico da América Latina exige de seus profissionais uma séria reflexão sobre sua realidade, que se transforma rapidamente, e da qual resulte sua inserção nela. Inserção esta que, sendo crítica, é compromisso verdadeiro. Compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto. Compromisso com o ser mais deste homem (FREIRE, 1979, p. 25).

Nesse sentido, a experiência relatada comprova que, quando conseguimos aproximar conteúdos e métodos de ensino aos interesses dos educandos, uma das atribuições da escola foi consolidada, ou seja, novas relações humanas foram estabelecidas e, sobretudo, foi permitido mostrar e relacionar os vínculos orgânicos entre o conhecimento e a vida real.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Laurinda R. de; PLACCO, Vera Maria N. de S. *O coordenador pedagógico e o espaço da mudança*. São Paulo: Loyola, 2001.

ANDRÉ, M. E. D. A. Estudo da prática na escola de 1º grau. In: FAZENDA, I. C. A. et al. *Um desafio para a didática*. São Paulo: Loyola, 1991.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANIATO, Rodolpho. *Com ciência na educação: um ideário e prática alternativa brasileira para o ensino de Ciência*. São Paulo: Papyrus, 1987.

CORAZZA, Maria Aparecida; MAZZILLI, Sueli. Programa Alfabetização Solidária: contribuições para o debate. *Revista do Programa Alfabetização Solidária*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 93-104, 2002.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Educação e mudança*. 20. ed. Trad. de Moacir Gadotti e Lílian L. Martins. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PETTY, Miguel et al. Uma alternativa de educação rural. In: WERTHEIN, Jorge; BORDENAVE, Juan Diaz (Orgs.). *Educação rural no terceiro mundo: experiências e novas alternativas*. Trad. de Paulo R. Kramer e Lúcia T. L. Canega. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 31-57.

PRETTO, Nelson De Luca. *A ciência nos livros didáticos*. 2. ed. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1995.

UFS/SEPLAN. *Atlas de Sergipe*. Aracaju, 1979.

VEIGA, Ilma P. A. A construção da didática numa perspectiva histórico-crítica da educação: um estudo introdutório. In: OLIVEIRA, M. R. N. S. (Org.). *Didática: ruptura, compromisso e pesquisa*. São Paulo: Papyrus, 1993. p. 79-98.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

**Abstract:** In Brazil, most illiterate or semi-educated people, young and adult as well, have vainly gone through official school programs and institutions. The unidentification not only of the pedagogical procedures involved but also of the clientele's everyday life and outlook may be said to represent the major obstacles to academic achievement. Taking such problematic issue into account, this paper, carried out in classrooms for young and adult students in three Sergipe cities – Itaporanga D'ajuda, Riachuelo and Pinhão (all of them part of the government-led Programa de Alfabetização Solidária)- has had as objectives: to foster an uplift of self-esteem among those undergoing the literacy process and at once cause them to value their own culture by identifying the medicinal herbs which popular knowledge, in each of the three cities, has deemed as such; also, based on their findings, the paper further tried to develop school activities in the fields of Sciences, History, Portuguese and Mathematics.

**Keywords:** alphabetization. rural area. medicinal herbs